

Entre pesquisas, sonhos e felinos: Heliana, Foucault e a militância

Between research, dreams and cats: Heliana, Foucault and militancy

Alice De Marchi Pereira de Souza

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO:

O presente ensaio, escrito na forma de uma carta, foi escrito a partir de uma fala proferida no evento “Modulações Helianas: docência, militância, escrita”, realizado na UERJ em 26 de junho de 2024, data do aniversário de Heliana Conde, em sua homenagem. A missiva evoca paralelos e cruzamentos entre as duas pesquisas mais recentes de Heliana e a minha investigação de doutorado, a qual foi orientada por ela entre os anos de 2012 e 2016. Nelas, militância e academia – geralmente separados em muitos discursos e práticas – são articulados por e através da obra e da vida de Michel Foucault – assim como na obra e na vida de Heliana.

Palavras-chave: militância; Heliana Conde; Michel Foucault.

ABSTRACT:

This essay, written in the form of a letter, is based on a speech delivered at the event “Heliana’s Modulations: Teaching, Activism, Writing,” held at UERJ on June 26, 2024, Heliana Conde’s birthday, in her honor. The letter draws parallels and intersections between Heliana’s two most recent research projects and my doctoral research, which she supervised from 2012 to 2016. In these works, activism and academia — often separated in many discourses and practices — are intertwined through the life and work of Michel Foucault, as well as through the life and work of Heliana.

Keywords: Activism; Heliana Conde; Michel Foucault.

DOI: 10.12957/mnemosine.2024.88536

Querida Heliana,

Dois gatinhos de porcelana me observam, da estante de livros, enquanto te escrevo esta carta. Um deles parece abanar, com um sorriso, de olhos fechados; o outro, parece estar fazendo uma farra, deitado de lado com os bracinhos erguidos.

Em meados de 2023 – com o calendário acadêmico da UERJ ainda um pouco descompassado em decorrência da pandemia do Coronavírus –, não estávamos em recesso ainda, mas meu filho, João – de então 3 anos –, estava de férias da creche. Não teve jeito: naquele dia, tive de trazê-lo comigo à universidade. Enquanto eu tentava encaminhar algumas tarefas na sala que nós dividíamos, o pequeno desprezava os brinquedos que tinha trazido, e – óbvio! –, brincava com os *teus* gatinhos, insubmisso aos meus comandos maternos. Metódico e cuidadoso, enfileirou-os sobre a mesa, um ao lado do outro. E eu, ao colher a cria pela mão e sair com pressa para resolver algo rápido e depois voltar, deixei os bichinhos daquele jeito, sem saber que chegarias nesse meio tempo e te depararias com a instalação-brincadeira sobre o espaço de trabalho. Quando retornei e te encontrei em reunião, antes mesmo que eu começasse a me explicar, nos olhaste com teu riso heliânico, dizendo “Ah, querida, agora entendi o que aconteceu aqui!”. Naquela tarde, mais adiante, presentearias o João com os dois bichanos de porcelana. Agora, olhar para eles me evoca as experiências de ser ora orientada por ti, ora tua colega naquela sala da UERJ.

*

Pensei em contar-te como cheguei à decisão de escrever-te uma carta, neste evento-homenagem-celebração. Caminho tortuoso, isso envolveria contar uma história cheia de vai-e-vens no tempo, coincidências incríveis, diálogos por escrito com uma colega atual e com uma professora minha de graduação muito querida; a memória afetiva mobilizada a partir da aula que dei na semana passada (de Análise Institucional, que tantas vezes já ministraste) e me fez pensar nas permanências de aprendizados e no que dá sentido à vida docente. Dei-me conta de que isso desviaria do tema da mesa – militância –, afinal, evocaria a prática docente, a dimensão da escrita – motes das outras duas mesas – e, bem, eu mesma havia me comprometido a compor esta mesa aqui.

Pela minha trajetória, e mesmo pelo nosso encontro através da tua orientação à minha tese de doutorado, talvez seja mesmo mais lógico que eu estivesse na mesa intitulada “militância”. Mas não seria a militância, ao teu olhar – ao menos aquele lançado por ti, nas

últimas pesquisas que empreendeste, na direção do teu querido careca Michel Foucault – algo inseparável da vida acadêmica (e, portanto, da docência e da escrita)?

Preparando esta carta, ainda inquietada por uma dúvida que nos pairou ao pensar no próprio nome da mesa (qual teria sido o termo mais usado por ti: “militância”? “insurreições”? “resistências?”), percorri minha memória, teus textos, meu livro (derivado da tese), teu prefácio a ele... E abri também, no meu computador, os arquivos dos teus últimos dois projetos de pesquisa do Prociência¹, que tematizam um Foucault militante, um Foucault que também muito me interessou e ajudou a responder a algumas das perguntas que me fiz em minha pesquisa de doutorado. Aproveito essa oportunidade, portanto, para retomar e publicar, para aqueles que porventura não estivessem acompanhando, os teus interesses e rumos de pesquisa nesses últimos anos.

O primeiro projeto, “Fazendo o caminho ao andar: verdade, poder e modos de subjetivação em Michel Foucault” (RODRIGUES, 2018), debruçava-se sobre os gestos metodológicos foucaultianos e questionava o que *A arqueologia do saber* (FOUCAULT, 1969:2008) era, afinal: por muitos, foi considerado um trabalho que “voltava-se para o passado, pondo em cena, a cada momento, o realizado nas pesquisas que resultaram em *História da Loucura* (FOUCAULT, 1961), *O nascimento da clínica* (FOUCAULT, 1963) e *As palavras e as coisas* (FOUCAULT, 1966)”. Teu olhar curioso e crítico lança a pergunta: “Seria mesmo o método, em Foucault, apenas o caminho já percorrido?” (RODRIGUES, 2018, p.2).

Encantou-te, como dizes, o traçado de caminhos em/por Foucault em suas diversas produções, mas esse encantamento se intensifica ao participar de um colóquio sobre “insurreições”. Chama a tua atenção um espaço-tempo que é parte da militância do careca (“e, por isso mesmo, ainda menos explorado em perspectiva metodológica do que aqueles ditos acadêmicos”): o Grupo de Informação sobre as Prisões (GIP) - e suas “pesquisas-intolerância”. Seus princípios deveriam, nas tuas palavras, “constituir o conteúdo preferencial da primeira aula sobre Metodologia de Pesquisa em todos os cursos universitários de Ciências Humanas e Sociais, Psicologia incluída”: elas atacam o poder onde ele se exerce como técnica, saber, objetividade; constituem-se como ações diretas contra alvos precisos; derrubam barreiras hierárquicas; são um *front* de ataque, são “o primeiro episódio de uma luta, eventualmente prolongada” (RODRIGUES, 2018, p.3). Assim sendo, tais pesquisas e

¹ O Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística – Prociência – é um programa da UERJ que se destina a valorizar os projetos de pesquisa dos docentes da universidade.

seus “dados” não são coletados, mas sim surgem (ou se insurgem) no próprio decurso das investigações.

Esse fascínio pela força militante das pesquisas de Foucault a partir dos anos 1970 e pela evidente contribuição de suas vivências em frentes de luta para suas teorizações imprime na tua proposta de investigação a intenção de superar o que chamas de “enfoques redutores” e a traçar conexões entre o que recorrentemente é separado: as produções filosófico-acadêmicas e as atividades políticas de Foucault (fazendo o recorte temporal dos anos 1970 e 1980), lançando uma hipótese-aposta na retroalimentação das mesmas – certamente uma leitura *menor* no cenário dos estudos de Foucault.

Tua pesquisa mais recente, intitulada “Um Foucault desconhecido? Tunísia, Vincennes, *Black Panthers*, *Death Valley*... e outras derivas” (RODRIGUES, 2022), que deveria se concluir no final deste ano de 2024, articula-se fortemente à anterior, destacando, talvez, ainda mais a importância da militância na vida e nas formulações do francês. Nela, te propões a *positivar* circunstâncias da vida intelectual e ético-política de Michel Foucault geralmente abordadas na forma da falta e da incompletude - talvez não por acaso, momentos de participação mais intensa nas lutas sociais.

Para isso, amplias o intervalo temporal do recorte da pesquisa ao incluir o período em que Foucault ministrou cursos na Tunísia (1966-1968), bem como outros momentos e aspectos específicos da sua trajetória político-acadêmica: a presença em Vincennes (1969-1970), o interesse e aproximação aos Black Panthers, sua experiência com LSD na Califórnia, o contato e a atuação menos conhecidas nos campos da saúde e do direito, as “reportagens de ideias” publicadas sobre a revolução iraniana, as problematizações acerca da *parresia* e da amizade e as conexões da genealogia com Análise Institucional francesa, Teoria do Ator-Rede, Estudos *Queer* e Estudos Pós-Coloniais ou Decoloniais – conexões estas bastante presentes nas teses e dissertações ;que estavas orientando no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH/UERJ).

Mais uma vez, ao ler-te, vejo a importância que conferes ao Foucault intelectual-militante, e, ao fazer isso, empreendes a costura que sempre também me encorajaste a fazer nas minhas pesquisas, na minha militância, na minha docência, na minha vida.

Destaco, por fim, a afirmação presente na seguinte passagem de um dos teus projetos, discorrendo sobre esta relação direta entre vida política e inflexões teórico-metodológicas foucaultianas, quando declaras:

“cumpre assinalar que a aleturgia (ato de verdade, de caráter ético), ao ganhar predominância sobre a epistemologia (verdade do ato, de caráter estrutural), parece conduzir ao cuidado de si como prática de liberdade, ou melhor, à política entendida como uma ética (modo de vida) e não como uma consagração governamental” (RODRIGUES, 2018, p.20).

Percebo – ou confirmo –, ao retornar meu olhar para a minha pesquisa de doutorado por ti orientada, intitulada “Modulações militantes por uma vida não fascista” (SOUZA, 2018), ainda no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social (PPGPS) e defendida em 2016 (dois anos antes do início desses projetos), que a aposta feita foi a mesma, quando problematizei os microfascismos que se embrenham nas práticas militantes no campo dos direitos humanos: isto é, concluí que o cuidado de si como exercício ético diário seria um antídoto para as tristes reproduções e contra-efetuações do poder e do Estado violento em nós.

E talvez, também não por acaso, eu tenha finalizado a tese com um sonho que eu tive e que relato nas suas últimas páginas. É ele que reproduzo nas linhas abaixo², narrativa na qual eu sou a militante-psicóloga-pesquisadora e você é a orientadora.

*

Estava numa manifestação de rua, mas não fica bem nítido onde. Está com muita gente conhecida: amigos, namorado, algumas pessoas da família, colegas de trabalho, militância e universidade. Amores e compas. Sua orientadora, de silhueta inconfundível, está bem ao lado, mas não grudada: mantém um espaço ótimo, seu caminhar tranquilo e confiante. Há outras silhuetas junto dela, que por ora não se vê a quem pertencem. Uma amiga lhe diz que se cuide, que não brigue. A amiga está preocupada (ela não participa da manifestação); mesmo assim, em seguida pede que se lhe diga onde será a festa do ato, quando acabar. Afinal, para ela, essa galera sempre faz festa depois do ato. Dá também o recado de que a mãe lhe aguarda para brindar. Vai ter churrasco.

A multidão anda. Chega-se a uma esquina e avista-se o Champs de Mars, a Torre Eiffel lá está, a perfurar o céu cinzento, e milhares que dela se aproximam. Seria 13 de maio, em 1968? Espere: mas aquilo ali não é uma barricada da *Commune* de Paris de 1871? Dobra-se a esquina e de repente se está em Barcelona, em plena guerra civil espanhola na década de 1930. Mirando-se à frente, por sua vez, a paisagem muda completamente: basta

² O trecho no original está em Souza (2018: 226-227), e foi ligeiramente editado para se adequar melhor ao presente texto.

avançar para se avistar a Cinelândia, a avenida Rio Branco com carros de som rodeados de bandeiras rubras, outras pretas, alguma confusão. Era o Rio de Janeiro em 2013? A militante-psicóloga-pesquisadora avista, no alto de um dos carros de som, Mao Tsé Tung em pessoa. Alain Badiou e Zizek figuram ao seu lado. Estavam ali perto, ainda, alguns professores conhecidos.

Instaura-se, de repente, uma situação estranha, de instabilidade: não se consegue saber o que é – um desvio? Uma rota interrompida? Uma tensão entre grupos? Surpreendentemente, não há polícia por perto. Aos poucos, vai se desenhando melhor uma cena: parece haver, isso sim, uma ação para acontecer. É um grupo de libertários de esquerda (não há identificação evidente disso, mas no sonho se sabe dessas coisas). Há um boato de que haveria uma bomba, mas parece também uma performance artística.

Eis que se alardeia que há fogo em algum lugar. Os que estão no alto do carro de som então começam a ordenar energicamente que a multidão não entre na rua para a qual estava rumando: não se entende exatamente as palavras que dizem, mas o tom é esse. Estão visivelmente assustados (como outras vezes, em cenas assim, já estiveram). Daqui de baixo, alguns grupos respondem, indignados, a tal comando, dizendo não. No bando onde a militante-pesquisadora-psicóloga está, há uma movimentação – só aí consegue distinguir... Michel Foucault junto da orientadora e dos outros, seus amigos. Um determinado grupo se afasta dali, parece mesmo investir num ato terrorista ou coisa assim. Outro grupo recua, parece temer aquilo tudo, quiçá dirigidos por aqueles do topo do carro de som... quiçá por outras forças.

Ela, aquele grupo, seus amigos, ficam ali: em meio à alegria e ao perigo. Ela acorda.

Depois de uma extensa troca de cartas em que remetente e destinatária se confundem, emerge um si mesmo – que nunca esteve lá inteiriço, estanque. Um si mesmo que, ao emergir, é já jogado à incompletude outra vez.

Uma tese está feita e, ao ser enviada, des-fecha: ela não acaba, segue abrindo-se a leituras, a fogueiras e ao que for feito dela. Suas linhas na rua a inventar um sonho em vigília, num presente terrível, potente, perigoso. Espaço-tempo de experimentação de liberdades. Apostada em modulações militantes por uma vida não fascista.

*

No momento em que recebi a notícia do teu falecimento, no final do corredor das salas de aula da psicologia, no décimo andar da UERJ, estávamos aplicando a prova escrita do concurso para o nosso departamento, o DPSI³. O ponto sorteado? “História e atualidade das práticas com grupos”. Não à toa, a leitura pública das provas, à tarde, pareceria uma homenagem a ti, de tantas menções ao teu trabalho. Naquele instante, atravessei a extensão inteira do bloco F para chegar à nossa sala, na outra ponta do corredor – e abracei a estante de livros. Abracei junto os tantos gatinhos (de porcelana, de pelúcia, de tecido) que ali estavam. Estes aqui⁴, levei para casa e João sabe que foi tia Heliana quem deu a ele.

Heliana, és uma existência que não acaba, que não cessa de acontecer. Segues abrindo-te a leituras, a lutas, a fogueiras, ao que for feito dos teus gestos, pesquisas e rastros. Tua silhueta na rua, na universidade, nos bares, a impulsionar sonhos em vigília, salpicados pelo teu sorriso indefectível, neste presente repleto de intoleráveis. Inspirando práticas de cuidado de si, experimentação de liberdades. Aposta em modulações militantes não fascistas. Modulações... Helianas.

Despeço-me como me despedi em uma das cartas que te escrevi outrora, quando apenas a distância geográfica nos separava:

“Saudade, mesmo que estejas um pouco aqui.

Des bisous.”

Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. Publicado originalmente em 1969.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Publicado originalmente em 1966.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Tradução de Luiz Philipe Condé. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. Publicado originalmente em 1963.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. Publicado originalmente em 1961.

RODRIGUES, H. B. C. *Um Foucault desconhecido?* Tunísia, Vincennes, Black Panthers, Death Valley... e outras derivas. Projeto de pesquisa Prociência. Rio de Janeiro: 2022.

³ Departamento de Psicologia Social e Institucional.

⁴ No dia do evento, levei os dois gatinhos de porcelana à mesa do auditório e os coloquei à minha frente.

RODRIGUES, H. B. C. Fazendo o caminho ao andar: verdade, poder e modos de subjetivação em Michel Foucault. Projeto de pesquisa Prociência. Rio de Janeiro: 2018.

SOUZA, A. M. P. *Modulações militantes por uma vida não fascista*. Porto Alegre: Criação Humana, 2018.

Alice De Marchi Pereira de Souza
Mestre e Doutora em Psicologia
Docente do Programa de Pós-Graduação em
Psicologia Social da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
E-mail: alicedemarchi@gmail.com